

Resenha

Venha conhecer o mundo!

Baroukh, J. A.; Fonseca, P. F.

São Paulo, SP: Panda Books, 2022, 123p.

Um mundo da infância e do infantil acessível e surpreendente às educadoras

Daniela Nussbacher

“Quando nada acontece há um grande milagre acontecendo que não estamos vendo.” (Rosa, 1962/1988, p.65)

Venha conhecer o mundo! - Subjetividade e experiência na educação infantil é um livro-convite para seus potenciais leitores mergulharem no universo do desenvolvimento infantil com os coloridos do contexto histórico atual, guiados pelas entusiasmadas pesquisas, descobertas e reflexões das autoras Josca Aline Baroukh e Paula Fontana Fonseca. O livro compartilha narrativas e conceitos da Psicanálise e da Educação, entrelaçados por uma escrita delicada que expõe, inclusive, o próprio processo de criação e produção do livro, fazendo com que as autoras se aproximem de seus leitores, conduzindo-os de maneira envolvente em teorias usualmente difíceis de serem compreendidas por um público mais amplo.

Desde o início, Paula e Josca revelam que não estão trilhando esse caminho sozinhas. As 123 páginas do livro são generosas e heterogêneas em referências, desde Caetano Veloso até Freud, de Manoel de Barros a Larrosa, entre outros. Assim como Luiza Lian (2023) expressa em uma de suas canções, "A minha música é uma paisagem / Pra você entrar e fazer sua

* Psicóloga e pedagoga. Professora do Ensino Fundamental I em Escola Particular na cidade de São Paulo, SP, Brasil. E-mail: daninussba@gmail.com

viagem", o livro segue essa ideia; ao aceitar o convite, percebe-se que diferentes leituras serão delineadas, cada uma sob diferentes perspectivas. Cada leitor pode ser (ou não) afetado, à sua maneira.

Deslocando-nos, em analogia, para a escola, o mesmo ocorre com as crianças: é impossível prever como cada indivíduo receberá e será afetado pelo que é transmitido pelas educadoras¹ e pelas relações que estabelecem. No prólogo intitulado *Sobre começos...*, as autoras, também pesquisadoras, se colocam como pares de seus possíveis leitores ao narrarem a origem de sua parceria e a ideia do livro. Paula e Josca eram companheiras em um grupo de pesquisa, com estudo de campo em escolas de Educação Infantil, sobre a relação do bebê com a educadora. Elas começam a conceber a ideia do livro ao perceberem-se afetadas ao observar uma situação, aparentemente comum, na relação estabelecida entre uma criança e sua professora. Esse olhar sensível, que atravessa o que acontece diante dos nossos olhos, revela-se, mais adiante no livro, como uma postura importante para as educadoras que atuam na Educação Infantil.

Ainda no prólogo, comprometidas em guiar e dialogar com os leitores, as autoras anunciam e antecipam o percurso de sua trajetória, que será dividida em quatro capítulos. Cada um deles abarca importantes marcos do desenvolvimento infantil na primeira infância: dentro do âmbito familiar e no momento da entrada na escola - tendo em vista como os bebês se constituem subjetivamente.

Se no convite anterior as autoras se dirigiam aos leitores, no capítulo inaugural do livro elas retratam o convite que os adultos fazem às crianças quando estas chegam à escola: venha conhecer o mundo! Para compreender essa cena e os desdobramentos que dela se originam, Josca e Paula apresentam considerações essenciais baseadas nos conceitos centrais que serão abordados ao longo do livro, tais como escola, infância, alteridade, experiência e tempo.

As autoras partem do princípio de que, independentemente da diversidade na atuação das instituições escolares e dos contextos familiares, a escola desempenha um papel crucial na inserção e formação das crianças dentro de uma tradição social e cultural específica. O livro convida os leitores a adotarem uma postura crítica - e uma atenção profunda e contemplativa - em relação a práticas engessadas na educação, que muitas vezes atendem às demandas sociais na lógica da sociedade do cansaço. Esta lógica pressupõe uma produtividade excessiva, frequentemente isenta de significados, como teorizado por Byung-Chul Han (2017, citado por Baroukh & Fonseca, 2022).

Um dos maiores desafios para que a atenção profunda ou, em outras palavras, o olhar ao que é invisível e a escuta ao que é silencioso aconteça, se dá na encruzilhada entre seguir uma rotina planejada do cotidiano escolar e respeitar, mais do que entender, que o tempo da infância não é analógico (*chronos*), e não pode ser ritmado apenas pelos afazeres previstos, mas acontece por meio das verdadeiras experiências. Esta encruzilhada é, sem dúvidas, uma grande conhecida daqueles que atuam na Educação Infantil que, diariamente, buscam brechas na rotina que legitimem o tempo das crianças. Como me disse certa vez uma colega de trabalho e coordenadora pedagógica: ser professora é trocar o pneu com o carro em movimento.

Se o leitor não estava familiarizado com as ideias do espanhol Jorge Larrosa, ao concluir a leitura do livro sentir-se-á conhecido íntimo do professor de Filosofia da Educação. A noção de experiência, para as autoras, está alinhada com o que ele definiu como "aquilo que 'nos passa',

¹ O termo é empregado no feminino devido à predominância de mulheres entre todos os profissionais que trabalham na Educação Infantil.

ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, transforma" (Larrosa, 2016, citado por Baroukh & Fonseca, 2022, p.28). Baroukh e Fonseca (2022) vão além:

A experiência, portanto, é um ponto de chegada que nunca está assegurado de início. Eis o motivo de ele ser tão cauteloso ao discutir esse assunto, pois sabe que, na atualidade, temos pressa em compreender e definir os fenômenos para que possamos estabelecer objetivos a serem conquistados, com o intuito de aferir a melhoria e a qualidade do trabalho educativo, quando é próprio da experiência escapar desse e de qualquer roteiro. A experiência é avessa às certezas. (p.35)

Após explorarem mais profundamente o papel - e os desafios - da escola como instituição que acolhe, educa e transmite cultura, as autoras redirecionam o olhar de seus leitores para o início de tudo: os bebês. No segundo capítulo, *Como os bebês se tornam humanos*, elas introduzem e abordam cuidadosamente complexos conceitos psicanalíticos, permitindo que mesmo os leitores menos familiarizados com esse campo teórico possam acompanhar a narrativa. A leitura do capítulo pressupõe o entendimento da ordem simbólica, a partir da qual os indivíduos podem construir a sua identidade e interpretar a realidade ao seu redor, inserindo-se na sociedade através da linguagem e garantindo sentido para as interações humanas.

Entendendo, então, que “o nascimento de um ser humano não é reduzível ao fato biológico; ele também se inscreve na ordem simbólica que preexistia à sua chegada” (Baroukh & Fonseca, 2022, p.44), a psicanalista Julieta Jerusalinsky (2002), em sua dissertação de mestrado, apresentou a constituição subjetiva a partir de quatro eixos: a suposição de um sujeito, o estabelecimento de demanda, a alternância presença-ausência e a alteridade. Paula e Josca passam por estes eixos, mesmo que de forma não sequencial, trazendo, sempre, exemplificações.

Outros dois conceitos bem trabalhados na obra são os das funções materna e paterna, fundamentais para compreender as dinâmicas escolares. Enquanto a função materna oferece cuidados e introduz o bebê no universo da linguagem e cultura, a função paterna vai além da relação mãe-bebê, permitindo que a criança se perceba como um "eu" separado e, assim, autorizando a inserção de uma terceira pessoa em seu mundo, estabelecendo limites e novos sentidos, o que leva ao reconhecimento da diferença: a alteridade.

Na esteira dessas dinâmicas familiares, a escola assume um papel que se assemelha à função paterna, estabelecendo diretrizes que delineiam o que é aceitável ou não, introduzindo uma ordem simbólica que, ao longo do tempo, é absorvida e compreendida pelas crianças. A função paterna na escola estabelece regras que, ao contrário das regras familiares, são mais direcionadas para um coletivo amplo e idealmente mais democráticas. Além disso, a escola, especialmente com crianças muito novas, pode contribuir ativamente no processo de formação subjetiva, ao considerar a existência de um sujeito que demanda cuidados, escuta, compreensão e vínculo. Brandão e Kupfer (2014) trabalham com o conceito de “função maternante”, que seria uma continuidade da função materna.

Quanta coisa é a escola! Posteriormente, as autoras explicitam que a Educação Infantil é o espaço que conecta o ato de educar ao de cuidar. Nas palavras de Mariotto (2009, citada por Baroukh & Fonseca, 2022, p.104), “educamos cuidando e cuidamos educando”. Essa concepção é ilustrada pela Fita de Möbius, na qual a superfície de um lado, o cuidar, e do outro, o educar, se unem de modo a criar uma percepção de continuidade.

As autoras abordam mais uma dimensão constitutiva importantíssima no cotidiano escolar: a função do semelhante, que emerge quando as crianças começam a interagir entre si. Desta

vez, a exemplificação vem de um referencial especial: um conto intitulado *Outro Eu*, escrito por uma das autoras, Paula. A narrativa delicadamente conduz os leitores pelo olhar de um bebê que explora a confusão e a surpresa diante dos diferentes estímulos e descobertas em um encontro familiar. O foco principal recai sobre sua prima, um pouco mais velha, que (re)age à sua presença.

Se as funções materna e paterna mantêm uma certa assimetria, a função do semelhante cria um terreno de semelhanças e diferenças entre as crianças. Na atmosfera escolar, as crianças experienciam essa função, gerando identificações e singularidades. A perda do lugar especial na relação com os adultos é compensada pelo convívio no coletivo, onde transitam e experimentam a incerteza sobre o agente das ações.

Em uma sequência didática, após abordarem “onde” e “quem”, as autoras exploram, no terceiro capítulo, o “o quê” da Educação Infantil; o brincar. Enquanto muitas escolas, imersas na lógica da sociedade do cansaço, encaram o brincar através de atividades ditas lúdicas, como um meio pedagógico, Baroukh e Fonseca (2022) deixam claro para o leitor que, em seu entendimento, “o brincar possui um fim em si mesmo, sendo livre e espontâneo”. (p.67) Muitas escolas partem desta mesma prerrogativa, entretanto, aplicar isto à prática é um desafio.

Na defesa da importância e da compreensão da experiência subjetiva das crianças durante o brincar, Josca e Paula mergulham nas nuances e essência desse ato, defendendo que, ao brincarem, as crianças absorvem seu entorno, expressando-se por meio de diversas linguagens e apropriando-se das características das pessoas e objetos ao seu redor, transformando-as em metáforas. Neste sentido, a educadora Gisela Wajskop (2009) afirma que:

A criança se desenvolve pela experiência social nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas, constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos. (p.25)

O brincar não necessariamente pressupõe um brinquedo, e antes mesmo de chegar ao objeto, o bebê explora as possibilidades que o seu corpo oferece. Conforme Benjamin (2012, citado por Baroukh & Fonseca, 2022, p.92) afirma: “não é o brinquedo que determina a brincadeira, é o brincar que transforma um objeto comum em um brinquedo”. Antes do faz de conta se consolidar, os bebês desfrutam de jogos que constituem sua identidade. De forma generosa, as autoras introduzem a conceituação de Freud sobre o brincar simbólico, ilustrado pela brincadeira *fort-da*. Na brincadeira, ao repetir o movimento de jogar o peão, o bebê simboliza a ausência da mãe, exercendo controle sobre esse (des)aparecer ritmado. É nesse espaço que a criança começa a criar substitutos simbólicos. No entanto, a presença do adulto é essencial - no caso, para devolver o peão a cada lançamento - para apoiá-la, sem antecipar as suas vontades ou resolver pelo bebê, oferecendo espaço para que os seus desejos possam se manifestar. Simbolicamente, ao devolver o peão, o adulto garante a continuidade do jogo e do mundo, ou, em outras palavras, “[...] é um alívio perceber que o mundo não é construído a cada vez, mas tem permanência” (Baroukh & Fonseca, 2022, p.91).

Para analisar o cotidiano escolar, Josca e Paula recorrem novamente a Larrosa, que desloca a dicotomia entre teoria e prática para a experiência e o sentido, colocando a subjetividade no centro da aprendizagem. Nesse contexto, a própria BNCC (Base Nacional Comum Curricular) se organiza em campos de experiência para a Educação Infantil, enquanto nos ensinos Fundamentais e Médio o domínio dos conhecimentos básicos se estrutura por competências. Muitas vezes, são as educadoras que garantem as experiências transformadoras

nesse cotidiano. O quarto e último capítulo, intitulado *Venha conhecer o mundo!*, não por acaso, compartilha o mesmo nome do livro. Nele, as autoras revisitam a cena da chegada da criança à escola, agora sob a perspectiva da educadora que a recebe.

Larrosa (2016, citado por Baroukh & Fonseca, 2022) ainda afirma que a professora também é sujeito da experiência:

[...] pela sua disponibilidade, pela sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade que precede a dicotomia entre ser ativo e passivo, uma passividade feita de paixão, de sofrimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primária, uma disponibilidade fundamental, uma abertura essencial. (pp.25-26)

Assim, as autoras convidam as educadoras a se permitirem ser afetadas pelo imprevisto na Educação Infantil. Como? Não há fórmulas, mas Josca e Paula lembram aos leitores que trabalham com a infância que, apesar da importância do planejamento que explicita a intencionalidade, ele deve permanecer aberto e atento às dinâmicas do seu grupo e às necessidades individuais. Elas explicam:

Há espaço na prática educativa para uma presença aguçada do adulto, uma disponibilidade e abertura às crianças, com suas peculiaridades. Uma postura que permite também aos educadores contribuírem com suas formas singulares de ensinar, brincar e nomear o mundo (Baroukh & Fonseca, 2022, p.111).

Estamos, portanto, considerando o papel ativo da educadora, que desempenha o papel de apresentar o mundo para aqueles que acabam de chegar, cuidando e educando e, enquanto sujeito, se afetando pelo que vivencia com as crianças. Embora as autoras tenham mencionado brevemente a importância dos espaços formativos para professores, elas enfatizam que o acúmulo de prática e o conhecimento teórico não devem limitar a atuação da educadora a um papel de quem tudo sabe. Nesse contexto, vários teóricos da Educação discutiram o papel da professora como facilitadora e responsável por garantir as descobertas e investigações das crianças, um papel que se assemelha à presença fundamental da mãe nos primeiros momentos de brincadeira da criança, sem, contudo, resolver tudo por ela. Josca e Paula optam por citar Paulo Freire (2000, citado por Baroukh & Fonseca, 2022, p.47), que afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou construção”.

No cotidiano da Educação Infantil, balizado por exigências institucionais, sociais e familiares, o imprevisível sempre aparece. Cabe ao leitor, adulto, no final de sua leitura, repensar como recebe as surpresas das crianças. A educadora, ao permitir-se ser, também, afetada pelo inesperado, mostra um comprometimento ético com o desenvolvimento de seus alunos para além das práticas engessadas e, assim, embarca em uma jornada que permite que novas rotas sejam traçadas durante o percurso que é educar e cuidar.

Referências

- Baroukh, J. A.; Fonseca, P. F (2022). *Venha conhecer o mundo!*. São Paulo: Panda Books.
- Brandão, D. B. dos S. R., & Kupfer, M. C. M. (2014). A construção do laço educador-bebê a partir da Metodologia IRDI. *Psicologia USP*, 25(3), 276-283. Doi : <https://doi.org/10.1590/0103-6564A20134413>

- Jerusalinsky, J. (2002). *Enquanto o futuro não vem: A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês*. Salvador: Ágalma.
- Lian, L. A minha música é. In: *7 estrelas | quem arrancou o céu?*. Risco / ZZK Records, 2023, 4m30.
- Rosa, J. G. (1988). *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1962).
- Wajskop, G. (2009). *Brincar na pré-escola*. São Paulo: Cortez.

Revisão gramatical: Duda Camargo
E-mail: dudalbcamargo@gmail.com

Recebido em outubro de 2023 – Aceito em novembro de 2023.